Capitulo 2

Mudanças na formação econômica da sociedade.

Adam começa atentando para o primeiro problema da nova revolução industrial, o das milhares de pessoas que perdem seus empregos em consequência da robotização e da automação da produção e dos serviços.

Ele fala que as consequências são ainda piores em países em via de desenvolvimento em razão da sua pobreza.

E nos países industrializados avançados onde a renda nacional possibilita, em principio, satisfazer as necessidades da população, vão acabar se deparando com o problema de como poderá ser distribuída a renda numa nova situação.

Um dos principais problemas dessa revolução em seu ponto de vista é de que a automação e a robotização, por um lado provocarão um grande incremento da produtividade e da riqueza social, mas por outro iram reduzir a demanda de trabalho humano.

O autor também fala sobre as conclusões otimistas existentes através dos estudos empíricos das relações entre inovações tecnológicas e emprego, que parecem pouco confiáveis, metodologicamente erradas e enganosas; em primeiro lugar, porque o ritmo destas inovações vem-se intensificando; em segundo lugar porque também o ritmo de sua implementação técnica esta aumentando, o que consequentemente intensifica a pressão sobre o mercado de trabalho; em terceiro lugar, porque por ora ainda subsiste uma grande diferença entre diversos ramos da produção e dos serviços no que diz respeito à aceitação de novas técnicas, fator que deverá mudar rapidamente; e em quarto lugar porque o panorama é muitas vezes ofuscado pela estabilidade ou até acompanhado por certas elevações das funções operárias.

Adam fala que a tranquilização da opinião pública e dos ramos da indústria e serviços, contrariando a evidência dos fatos, é uma atitude socialmente prejudicial. Ele fala que os males sociais que nos ameaçam só podem ser evitados com adoção de medidas preventivas radicais, e que a sociedade deve ser mobilizada para adotar tais medidas ao invés de deixar desmobilizar por falsas previsões tranquilizadoras.

O autor também fala que os problemas do desemprego estrutural não afetam somente os países capitalistas, mas também os que se denomina, socialista. Ele fala que com o tempo o desenvolvimento dos países socialistas eliminará as diferenças e fará com que também estes países se encontrem com tais problemas.

O autor também tenta achar soluções para o problema do desemprego estrutural, ele diz que durante o período de transição, a solução e redistribuição do volume de trabalho através da redução da jornada de trabalho individual, e que isso deve ser o principio de uma nova distribuição de renda nacional. E diz que os custos dessa nova distribuição deverão ser suportados por aqueles que desfrutam de uma maior renda social.

Porém, ele diz que isso é somente o início, pois as jornadas de trabalho chegaram em certo ponto em que terão que ser reduzidas até que todos, ou quase todos possam ter empregos, o que poderá levar a pontos extremos de meia hora semanal. Ele afirma que isso seria absurdo do ponto de vista das experiências psíquicas do trabalho. Ele cita que abaixo de uma certa quantidade mínima de horas de trabalho, o chamado tempo livre se converte em uma carga psíquica, o que causa uma poluição do tempo livre.

O autor menciona uma das teses de Max, para mostrar que realmente o que foi dito está acontecendo, onde se fala que as mudanças na base social produzem inevitavelmente mudanças na superestrutura.

Adam fala que a preocupação com a manutenção do crescente exército de desempregados estruturais deve ser assumida pela sociedade, isto é, pelo Estado ou por suas instituições descentralizados.

O Autor faz menção na página 35 do capitulo 2 de seu livro sobre o memorando, dirigido ao presidente Lyndon Johnson, ele traz uma ideia desse memorando que faz relação direta com o tema do seu livro, os autores do memorando, explica Adam, partiram da revolução cibernética e chegaram à conclusão de que a riqueza material da sociedade crescia rapidamente e era acompanhada de uma queda na demanda de mão-de-obra, substituída pelas máquinas e que em resposta à questão sobre como se poderia garantir a subsistência deste exército de desempregados, os autores do documento escrevem: “instamos a que a sociedade, através das instituições jurídicas e governamentais apropriadas, se comprometa sem reservas a proporcionar, por direito, um rendimento adequado a todo indivíduo e a toda família”. Mesma solução proposta por Adam.

Ele fala que se a sociedade se enriquece com a nova revolução industrial, consequentemente ela deve arcar com os custos do incremento do desemprego estrutural derivado da revolução.

Ele fala que para a sociedade adquirir os fundos necessários para enfrentar estas novas obrigações, não há outro caminho senão o de prosseguir aplicando aquelas medidas que deverão prevalecer durante o período de transição: uma nova e mais profunda distribuição de renda nacional, que será muito superior a qualquer outra conhecida, isso ele explica que só poderá ser feito através da redução de uma parte da renda nacional que corresponde as classes proprietárias, ele fala que essa contribuição é relativa, dado que sua participação, em termos absolutos, aumentará graças ao rápido aumento da produção e da renda nacional em geral.

Adam cita também a encíclica papal Laborem exercens. Onde é afirmado explicitamente que, se necessário, o direito de propriedade pode ser infringido.

Após isso Adam toca em um ponto importante, o de que tudo isso possa apenas significar que o socialismo poderá prevalecer necessariamente como resultado da nova revolução industrial, só que depende de como interpretamos o termo “socialismo”.

Ele cita a Suécia, que sem nacionalizar a indústria e os serviços e sem infringir formalmente o direito de propriedade, o Estado recorre a impostos progressivos, taxando até 90 por cento as rendas e os lucros dos cidadãos e utiliza esse fundo para cobrir seus gastos. Desta maneira, o incentivo à iniciativa privada é preservado, ao mesmo tempo em que uma grande parte da renda nacional é apropriada pelo Estado. Onde a parte apropriada do Estado se destina por outro lado a cobrir todas as necessidades sociais.

Ele fala que essas medidas não continuam sendo capitalismo porque mesmo que a mais-valia exista, esta não permanece nas mãos dos capitalistas e à sua disposição, mas passa a ser propriedade social e é utilizada para satisfazer necessidades sociais.

Ele fala que obviamente, a nacionalização ao menos da grande indústria, dos bancos e dos transportes de massa daria uma solução mais simples. Com isso estaria assentado o fundamento pra a formação social socialista, e os excedentes de bens produzidos passaria automaticamente para as mãos da sociedade e de seus organismos, sobretudo o Estado.

Adam após suas explicações da uma definição para esse possível novo sistema, que não é nem socialista nem capitalista, ele o chama de sistema de economia coletivista, ele afirma que essa definição é meio vaga, mas precisamente por isso permite abarcar as distintas variantes da solução proposta, e as diversas quantificações de elementos que traz consigo: economia capitalista privada e economia socialista coletivista.

O autor fala que mesmo no caso de este processo não eliminar por completo a propriedade privada e, consequentemente, deixar um amplo campo para a iniciativa privada, problemas que o modelo atual do socialismo real não resolveu, ele é sem dúvida um passo importante no sentido de um socialismo e de um igualitarismo interpretados em sentido amplo.

Adam afirma que esta é uma constatação importante, tanto mais que a evolução no sentido de um modelo de sociedade coletivista abarcaria não apenas as relações de propriedade, mas também as relações derivadas da produção e da distribuição dos bens, o que é uma consequência lógica das esferas fundamentais. Ele fala sobre a planificação (organizar-se ou organizar algo de acordo com um plano. Implica ter um ou vários objetivos a cumprir, juntamente com as ações requeridas para que esses objetivos possam ser alcançados.) econômica.

O autor fala que a planificação não é algo desconhecido do capitalismo nem alheio a ele. É algo que os organismos estatais fazem indiretamente, especialmente pelas suas políticas financeiras e fiscais, mas também diretamente através das encomendas do Estado às empresas privadas ou através da política econômica dos setores nacionalizados da economia, que são cada vez mais forte em vários países. Ele afirma que o estereótipo de um capitalismo de livre mercado deixou de ser válido há muito tempo.

Adam também fala que se o Estado tiver de manter um exército de cidadãos estruturalmente desempregados, ele será forçado a intervir não só na nova distribuição de renda social, afim de obter os meios financeiros necessários a esta operação , mas também no mercado de bens necessários à manutenção destes desempregados, ou seja, ele explica que o Estado terá também de influenciar a forma de produção e distribuição destes bens a fim de evitar que problemas financeiros transtornem o equilíbrio do mercado.

Ele explica no capitulo 2 de seu livro na página 39 que, as relações econômicas da sociedade formam um conjunto de elementos inter-relacionados, não no sentido de uma síndrome, mas no sentido de um sistema. Ele fala que o Estado terá de elaborar meios e métodos que permitam um controle da estabilidade geral deste sistema, deixando um amplo campo para a concorrência e a iniciativa privada, em que mudanças importantes na posição de um elemento provoca automaticamente mudanças correspondentes na posição de outro elemento.